

cidadania. Tal debate não chega a se constituir, permanecendo, sim, uma combinação paradoxal de liberalismo com racismo. Na verdade, este debate foi uma tentativa de naturalizar as diferenças em uma sociedade formalmente igualitária. Pessimista em sua origem, a explicação calcada na raça cede espaço para a explicação fundada na idéia de higiene. As teorias raciais puras levaram os intelectuais brasileiros a um beco sem saída.

As políticas educacionais surgiram neste contexto e carregaram as marcas deste pensamento. As raízes históricas das explicações sobre o fracasso escolar, por exemplo, podem ser encontradas neste debate. Na verdade, elas permanecem calcadas em teorias raciais e na idéia de higienização da sociedade. Muitas vezes, as origens tornam-se opacas pela alteração de nuances. Outras vezes, sem qualquer esforços do pensamento, podemos reconhecê-las. *Espetáculo das Raças* possibilita este reconhecimento e a compreensão da filiação histórica de muitas idéias atuais.

POR ENTRE AS PEDRAS: ARMA E SONHO NA ESCOLA

Ana Beatriz Cerisara

KRAMER, S. *Por entre as pedras: Arma e sonho na escola*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

A leitura e releitura do livro - inicialmente tese - da Sônia deixou muitas sensações e marcas em mim professora-pesquisadora-leitora. Não sei bem como explicar o que mais me prendeu e acabou por fazer com que não terminasse a leitura deste livro do mesmo jeito que comecei. Mas em quê exatamente reside a novidade?

Será na agradável surpresa de ver um texto para educadores escrito com paixão e esperança, sem que o rigor teórico tenha sido abandonado? Ou será na sensação de ter percorrido caminhos que levam da filosofia para a sociologia, passando pela história, ao mesmo tempo em que vemos as histórias do cotidiano escolar sendo narrada em uma linguagem carregada de parceiros da melhor literatura? Poderia ser também pelo fascínio que tanto "as dobras da reflexão, o cotidiano da escola" (parte I) quanto as "dobras do cotidiano da escola, a reflexão teórica" (parte II) vão exercendo sobre o leitor? Ou ainda o deleite em passear por um texto que o tempo todo exige a presença do leitor, seja para assumir o papel de crítico ou de cúmplice da autora?

Foi estranho, talvez um pouco melancólico, perceber a minha faceirice quando, ao abandonar a leitura do livro para escrever estas "mal-traçadas-linhas", constatei que havia tomado um banho de refinamento e de simplicidade, de leveza e rigor teórico-literário e eu nem estava lendo um romance ou uma obra de ficção, mas um livro para e da escola, para e dos professores. O porquê da estranheza vocês vão poder conferir-concordar-discordar depois de ler o livro; eu me atreveria a dizer que parte dessa sensação se deve ao fato de o texto da Sônia ter conseguido materializar aquilo sobre o que ela "tematizou", ou seja, a necessidade de encarmos o saber não só na sua dimensão científica, mas também na sua dimensão cultural, poética, artística como estratégia contra a cristalização da nossa linguagem e da nossa prática pedagógica. São palavras dela:

É de erotização do conhecimento que falo, de valorização do saber científico e do não-científico como pedras preciosas do fazer e do querer humanos. Pois quem mais conhece, senão o homem? Quem mais conhece a si próprio e fala a si de si, senão o homem? Quem mais se faz sujeito no coletivo, senão o homem, e graças à

linguagem que permite fazer e dizer a sua história? (p. 196)

Professores, alunos, pais, coordenadores pedagógicos, diretores são os personagens desta trama. O cenário é a escola. O enredo é tecido tendo por acompanhante uma alegoria: a da pedra. Pedra e seus muitos sentidos em um movimento que vai da pedra-arama à pedra-sonho, da pedra da música do Milton à pedra de Sísifo. Seu andar não se faz sozinho. Em parceria com pensadores, escritores, educadores, teóricos, professores, Sônia vai iluminando a teoria com o cotidiano e o cotidiano com a teoria. Faz isso belamente e mostra ao fazê-lo a necessidade dos textos destinados aos educadores serem cheios de vida, carregados de emoção e saber, de "rigor e vigor".

No capítulo I, situa as ciências humanas e sociais e o lugar dado à educação, entendida como prática social, bebendo da fonte da epistemologia, da sociologia crítica do conhecimento e da filosofia. Inicia suas colocações dialogando com Japiassu a cerca do problema do saber, da verdade, das ciências, da relação entre sujeito e objeto na modernidade. Criticando o esfacelamento do homem e do saber provocado pela cristalização e sacralização "da" ciência como verdade, vai em busca "da humanidade do homem-sujeito" só possível com o rompimento com esta visão de ciência e, conseqüentemente, com a visão de mundo que a sustenta. Sônia assume a sua filiação teórica que tem na historicidade seu ponto de partida e a interdisciplinaridade e a continuidade da linguagem como ponto de chegada. O enredo teórico vai sendo construído tendo por eixo norteador a abordagem marxista histórica e dialética, incluindo críticas às interpretações mecanicistas do marxismo. É em torno deste eixo que vai se legitimando a escolha de Benjamin, Bakhtin e Vygotsky como

autores cujas contribuições podem significar um rompimento no interior das ciências humanas em geral e, na educação em particular, pela forma como compreendem o homem e sua inserção no mundo sócio-cultural. Para além dos aspectos cognitivos estes autores vão apontar para a necessidade de se debruçar sobre os aspectos afetivos, artísticos e culturais presentes na prática pedagógica e que, em nome da objetividade e neutralidade das ciências, têm sido relegados a segundo plano - para não dizer à plano nenhum.

Com Löwy, Sônia chega à sociologia do conhecimento explicitando as visões de mundo subjacentes às diferentes teorias que possibilitam aos cientistas sociais compreender o real. No contexto desta análise e a partir das categorias da dialética apresentada pelo autor (transitoriedade e historicidade, totalidade e contradição) procura situar a problemática da produção teórica da área educacional que, segundo ela, continua a cair em dicotomias sem conseguir pensar o homem em sua totalidade e singularidade. Reafirma seu desejo:

O que pretendo é buscar uma outra possibilidade de análise da prática escolar. Quero um outro 'falar' que, dirigido ao dia-a-dia da escola, ao trabalho realizado por professores e alunos, dê conta de captar 'cores e formas' lá existentes e que, em geral se apagam quando observadas a partir de uma visão estereotipada e reducionista. (p. 31)

A filosofia surge, então, como o lugar para perguntar como o marxismo concebe o homem. É esta a preocupação que permeia este tópico. Uma preocupação orientada pela sua visão de mundo e com vistas a iluminar a problemática do professor e do aluno enquanto sujeitos históricos e da educação enquanto práxis. Neste percurso Sônia se faz acompanhar de Kosik e Meszáros.

Bem calçada nestas bases é que chega ao capítulo II, denominado "Educação e Linguagem". Seus principais interlocutores são Benjamin, Bakhtin e Vygotsky. Seu tema é o entrecruzamento sujeito-linguagem-história. "... São valiosas as contribuições que me trazem esses três autores para o tema que me aflige, o da linguagem encarcerada, numa sociedade carcerária..." (p. 46)

Neste capítulo, Sônia além de apresentar uma síntese das contribuições de cada um destes autores, vai relacionando uns com os outros mostrando seus pontos de contato, suas complementariedades e suas divergências e, ao mesmo tempo, vai relacionando-os com as inquietações que as práticas pedagógicas, a escola, professores e alunos lhes têm despertado. Se Benjamin é o abre-alas é porque busca nele "a sua teoria crítica da história e a sua concepção de modernidade" (p. 47), uma vez que toma por desafio compreender a produção teórica na área da educação e as políticas públicas voltadas à escola pública inseridas em seu contexto mais amplo: daí surgir o tema da modernidade. Com ele emergem os conceitos de história, de progresso e deles a problemática do empobrecimento da experiência e da arte de narrar nos sujeitos inseridos "nesta modernidade"; e ainda, história, cultura, infância; história, linguagem, escrita. O diálogo entre os postulados teóricos apresentados por Benjamin e a problemática educacional anunciada por Sônia vai tomando corpo e as questões vão sendo refinadas, redimensionadas e iluminadas. Qual tem sido a linguagem trabalhada na escola? Porque tudo se passa na escola como se os sujeitos estivessem fora da história? Porque há cristalização da linguagem na escola impedindo o diálogo entre as diferentes vozes que se fazem presentes?

Com estes questionamentos, entre tantos outros, Sônia chega ao tema da linguagem -

central em todo o seu trabalho. Bakhtin comparece com a sua teoria da enunciação baseada na filosofia marxista da linguagem. Surgem então as idéias de polifonia, polissemia, do signo com natureza social, das interações entre consciência e ideologia, da pluralência social que os signos sofrem, da relação entre vida e arte, das questões de estética, da língua como produto histórico... Tantos fios acabam por tecer a trama da linguagem na escola: que fala com as crianças, com os professores e conosco, professores-de-professores.

Vygotsky é o terceiro interlocutor. Ele que "busca compreender o psiquismo e a consciência, a arte e a imaginação no contexto da produção humana" (p. 86) surge como elo de ligação entre a "história, pela linguagem, indo em busca do sujeito". Aqui a autora vai tomando os postulados metodológicos e teóricos vygotskianos, tais como o da relação pensamento-linguagem, do lugar da linguagem na constituição do psiquismo, do lugar da arte, da criação e da imaginação no trabalho humano.

Chega-se, assim, ao que foi denominado de interregno em que a autora faz um balanço de tudo o que foi escrito até então, retomando os fios, organizando-os, desfazendo os nós e apontando os que permanecem por serem desfeitos. A partir desses fios e com estes fios, anuncia a última parte do livro em que tece a trama sobre temas polêmicos do cotidiano da escola. À moda benjaminiana se propõe a "escovar a educação a contrapelo" "tentando a partir das insignificâncias e particularidades da prática escolar, pensar nossa vida na escola e nossa atuação com os professores". (p. 111)

Constrói um texto que feito de fragmentos do cotidiano na forma de narrativas/histórias vai abordando três grandes temas: "a língua", "a língua escrita" e "o ser professor". É assim que o cotidiano surge em toda a sua riqueza e diversidade.

Sônia procura narrar histórias que formem pares de contraposição atenta para não, ela própria, encarcerar sua linguagem. Nestas histórias aparecem histórias de professores; da Sônia-professora; de personagens de outras histórias - dos contos árabes aos mitos gregos. Aqui vai retomando a reflexão pelo cotidiano e a Sônia-literata assume as coordenadas.

O livro termina com a personagem Xerazade, a contadora de histórias das Mil e Uma Noites simbolizando, no meu entender, o retorno ao começo do livro, do homem que se faz na história pela linguagem que narra, pelos rastros e marcas que deixa, pela vida que enfrenta, pelo que faz, produz e cria. Sônia se faz Xerazade e com este personagem entra na escola e apresenta dois caminhos aos professores: tornarem-se Xerazade ou assumirem o papel de Sísifo - personagem da mitologia grega que foi condenado a carregar uma pedra até

o alto e vê-la rolar após cada subida e carregá-la de novo interminavelmente - e que "inúteis para atingir um alvo inatingível. Sísifo encarna, assim, a frustração fatal e incessante". (p. 195). Fazendo contraponto entre Xerazade e Sísifo, nos fala de jeitos outros de se fazer professora e professora-de-professores. A favor da natureza, da vida e contra Sísifo.

Desbloqueada a palavra, ela fala por uma prática pedagógica que permita eclodir a avesso, riso, choro, dor, gargalhada, quebrando as pedras da nossa linguagem, as cristalizações e o endurecimento que sofremos. (p. 199)

Minha vontade era de começar a recontar as histórias que ela conta acrescentando, é claro, as histórias que tenho para contar. Mas me contenho a tempo, afinal não vou contar o livro antes de vocês o lerem...